

## Solidariedade na Mercedes-Benz

Reproduzimos abaixo notícia publicada na Tribuna Metalúrgica, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que relata a solidariedade dos trabalhadores da Mercedes aos metalúrgicos da B. Grob. Como se recorda os trabalhadores daquela multinacional alemã travam uma ferrenha luta pela readmissão de Luis B. Oliveira, diretor do sindicato demitido e que está acampado na frente da empresa.

Em sua denuncia aos trabalhadores alemães, o companheiro Valter Sanchez, diretor da CNM-CUT disse "a fabricante de máquinas Grob é uma fornecedora da Daimler Chrysler, cujo Acordo Marco Internacional ("Princípios de Solidariedade Social", assinado com o Comitê Mundial de Empregados da Daimler e a Federação Internacional de Metalúrgicos em 2002) estabelece claramente que todos os fornecedores devem seguir os mesmos princípios, entre eles o de respeito à organização sindical".

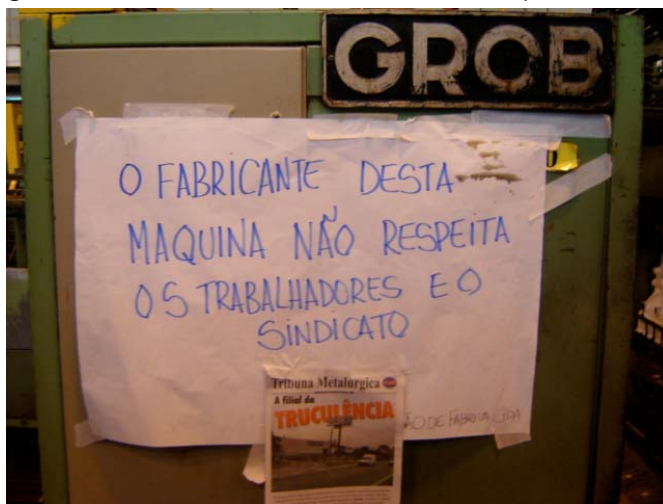
### Máquinas da B.Grob param na Mercedes

Comissão de Fábrica interditou máquinas do centro de usinagem em defesa da organização no local de trabalho.

Os operadores do centro de usinagem de máquinas B.Grob na Mercedes-Benz pararam por uma hora na manhã de ontem contra as práticas anti-sindicais da B.Grob e em apoio a luta do diretor do Sindicato, Luiz Sérgio Batista, o Pica-Pau, acampado na porta da fábrica há 58 dias. A montadora tem mais de 50 máquinas da marca onde trabalham cerca de 100 companheiros.

Com protesto do pessoal na Usinagem, a chiadeira da Mercedes foi imediata porque parou a produção de bloco de motores para exportação aos Estados Unidos. A resposta da Comissão de Fábrica também foi imediata: a Mercedes deve obedecer o código de conduta que impede que a montadora tenha relações comerciais com uma empresa que não respeita o direito de organização dos trabalhadores.

"Ações com esta é que fazem o diferencial da categoria", disse o presidente do Sindicato, José Lopez Feijóo. Companheiros de outras empresas avisam que protestos semelhantes serão organizados. (*Tribuna nº 2078, 07.10.2005*)



## A Luta dos Trabalhadores da Alumar

Reproduzimos abaixo carta do companheiro Roque Assunção da Cruz, Secretário de Políticas Sócias da CNM/CUT e Coordenador do setor do alumínio, onde ele pede a solidariedade de todos os sindicatos metalúrgicos apoio á luta dos trabalhadores da Alumar que estão sendo violentamente esbulhados em seu direito de greve.

"Aos Sindicatos dos metalúrgicos.

Camaradas, todo apoio à luta dos trabalhadores da ALUMAR, que se encontram sobre pressão da Justiça e dos Patrões para retirada de Direitos.

Hoje dia 04 de outubro, os trabalhadores da ALUMAR, em São Luiz do Maranhão encontram-se pressionados pela ação patronal, que os acuaram com o aval da Justiça do Trabalho, impedindo o movimento de greve. Impedimento este que veio através de uma liminar

favorável a empresa, multando o Sindicato em R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), diário caso o sindicato faça bloqueio para ocorrer à greve.

É nesse, sentido que pedimos o apoio político dos sindicatos do ramo, para que mande nota em solidariedade a luta dos companheiros aqui no Maranhão, como também fazendo manifestação de apoio nas empresas produtoras de alumínio nas bases deste sindicato.

Os Fatos; O Trabalhador da ALUMAR tinha como acordo de trabalho de turno de revezamento que expirou no dia 30 de setembro, a jornada de 33,6 horas semanais, com cinco turmas. Porém antes mesmo de iniciar as negociações a Empresa impôs o fim desta jornada e a implantação de turnos fixos, o que levará a demitir cerca de 600 trabalhadores.

O que não nos estranha é a parceria do governo do Estado e do Município em defesa da Empresa, bem como o ridículo papel da DRT e do Ministério Público do Trabalho no Estado que tem feito vistas grossas e de certa forma se omitindo dos seus papéis. Finalizando, desde sábado último através da força, da intimidação e da repressão policial os trabalhadores se encontram acuados em defender os seus direitos e de fazer greve, com ameaça de demissões e alojamento forçado na empresa.

**OBS: Mandem Nota de Repudio ao TRT Tribunal Regional do Trabalho da 16ª Região com copia ao SINDMETAL.**

Para o TRT em atenção a Doutora Desembargadora da Justiça do Trabalho Márcia Andréa Farias da Silva, que expediu a liminar através de MANDADO de Notificação à presidência do Sindicato no dia 28 de setembro, declarando a ilegalidade e abusividade da greve antes mesmo da deflagração, e pondo a serviço da ALUMAR a tropa de choque da polícia militar, que se encontra de plantão na empresa desde o dia 28 último.

A Exma. Dra. Desembargadora Presidenta do TRT da 16ª Região

Dra. Kátia Magalhães Arruda

E

A Exma. Desembargadora.

Dra. Márcia Andréa Farias da Silva

Relatora do Processo TRT nº ADI-220-2005-000-16-00-9

Mandato de Notificação Nº 27/2005

Ação Declaratória de Ilegalidade/Abusividade de Greve

O Sindicato dos Metalúrgicos em epigrafe, vem mui respeitosamente, repudiar a estranha liminar concedida por V.Exa. de ilegalidade e abusividade da greve, em 28/09/05, antes mesmo da ocorrência da mesma e a multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), imposta antecipadamente ao sindicato obreiro. Liminar está que para os nosso vê fere o Princípio da ampla defesa e do contraditório, colocando sob suspeição a imparcialidade do Judiciário. Acreditando e confiando na imparcialidade da Justiça é que clamamos a V.Exa. que reveja a decisão antecipadamente dada.

Saudações classistas,

Presidente STIMM

Atenção emitir via Fax 0 xx 98 32328894 a Dra. Desembargadora Presidenta do TRT da 16ª Região Dra. Kátia Margarida Arruda e a Desembargadora Relatora do processo Dra. Márcia Farias. Fax. 0 xx 98 32328894. TRT da 16ª Região.

e-mail: [sindmetal@uol.com.br](mailto:sindmetal@uol.com.br) Fones/fax 0 xx 98 32213860/32228022

Presidente SINDMETAL: José Maria

Saudações classistas,

São Luiz, 04 de outubro de 2005.

Roque Assunção da Cruz  
Secretário de Políticas Sórias da CNM/CUT  
Coordenador do setor do alumínio

## Rússia: Trabalhadores na Ford em Estado de Greve

Os trabalhadores na Ford Rússia encontram-se em Estado de Greve desde o último dia 30 de setembro. A medida foi adotada depois de a empresa recusar a reivindicação de aumento de 30%.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Aleksei Etmanov, a Ford Rússia dobrou sua capacidade de produção em apenas dois anos e por isso pode atender tranquilamente à reivindicação dos Trabalhadores. Etmanov garante que os Trabalhadores pararão as atividades caso a empresa insista em não atender as reivindicações.

Um resultado concreto deste movimento é que a Ford reconheceu o direito dos Trabalhadores de ser organizar livremente ao aceitar a discutir com o Sindicato de Trabalhadores por este "ter mais de 51% dos Trabalhadores na fábrica filiados". De fato 950 dos 1700 Trabalhadores na Ford Rússia são filiados ao Sindicato. (Sérgio Luís Bertoni) (*TIE-Brasil*, [www.tie-brasil.org](http://www.tie-brasil.org))

## Greve metalúrgica na Itália

Os trabalhadores metalúrgicos de toda a Itália fizeram no último dia 29 de setembro um dia de greve por um aumento salarial de 130 Euros (R\$400,00) por mês. Como parte da luta milhares de trabalhadores participaram de demonstrações em diversas cidades italianas Milão, Nápoles, Reggio Emilia, L'Aquila, Turim, Vicenza e Taranto.

A greve foi organizada pelas três federações metalúrgicas - a FIM, FIOM e a UILM todas afiliadas à FITIM, que negociam o um aumento intermediário no contrato de 4 anos em vigor, desde 14 de janeiro deste ano.

A oferta patronal apresentada pela Federmeccanica foi de um aumento de 60 euros (R\$ 150,00) mensais

Os trabalhadores já tinham realizado anteriormente uma greve de 12 horas. (*FITIM*, 30.09.2005)

## Trabalhadores da Boeing aprovam contrato

Cerca de 18 mil membros do sindicato metalúrgico IAM, a Associação Internacional de Mecânicos e Trabalhadores Aeroespaciais em Washington, Oregon e Kansas concordaram com a nova proposta apresentada pela empresa e vão encerrar a greve que já se desenrolava por 28 dias. A aprovação contou com cerca de 80% dos votos.

Com a greve a empresa não só foi obrigada a retirar suas exigências restritivas aos benefícios, como se viu obrigada a aumentar esses mesmos benefícios, incluindo aumento nas pensões, provisões para a saúde e dois pagamentos extra. (*FITIM*, 30.09.2005)

## Terminam greves na Kia e Hyundai

Os trabalhadores das duas montadoras coreanas, a Kia e a Hyundai encerraram sua campanha de luta e concordaram com um aumento salarial de 6,9% .

A decisão foi tomada em assembléia dos trabalhadores da Hyundai filiados ao Hyundai Motor Workers' Union em 12 de setembro que aceitaram a proposta patronal que incluía os 6,9% de aumento depois de realizarem uma série de greves parciais paralisando a produção algumas horas diariamente desde 25 de agosto.

No mesmo período aos trabalhadores da Kia Motors enceraram duas semanas de greves parciais por melhores salários e condições de trabalho e aceitaram a proposta patronal.

Workers at Kia Motors and Hyundai Motor have ended their strikes having agreed to 6.9 per cent wage increases.

A Hyundai Motor emprega 50,000 trabalhadores, dos quais cerca de 40,000 são associados ao sindicato, que é filiado à Federação Coreana de Metalúrgicos, a KMWF.

Os trabalhadores da Kia, a segunda montadora do país, tem um sindicato separado. Cerca de 75% da força de trabalho é associada ao sindicato.

## Por que juros tão altos?

Paulo Nogueira Batista Jr.

As taxas de juro no Brasil são, como se sabe, excepcionalmente elevadas para padrões internacionais. Essa afirmação vale tanto para a taxa básica fixada pelo Banco Central como para as taxas cobradas pelos bancos e outras instituições financeiras.

A questão é controvertida e chega a ser meio misteriosa. As razões oferecidas pelos economistas nem sempre são inteiramente convincentes. Algumas beiram o ridículo. Aviso desde logo, leitor, que eu próprio não possuo uma explicação que me pareça inteiramente segura.

Pretendo tratar hoje só da taxa básica do BC, deixando de lado a questão do nível exorbitante (quase pornográfico) das taxas cobradas pelo sistema financeiro nas suas operações com empresas e pessoas físicas.

Vamos começar por algumas explicações populares nos meios financeiros e na imprensa. A inflação brasileira seria muito mais alta do que a internacional, obrigando o BC a praticar taxas excepcionais? Não. Mesmo antes da diminuição ocorrida nos meses recentes, a taxa de inflação brasileira não era muito mais alta do que a média mundial e apenas um pouco maior do que inflação média dos países em desenvolvimento. Nos últimos dez anos, o Brasil vem registrando quase sempre taxas de inflação razoavelmente controladas.

Há quem afirme que é o nosso passado monetário mais distante que nos condena a juros estratosféricos. É verdade que o Brasil tem um histórico lamentável nessa área. Mas vários países com passado monetário tão ou mais tenebroso que o brasileiro vêm praticando há anos taxas básicas de juro muito mais civilizadas. Por exemplo: a Rússia e vários países da Europa Oriental, que experimentaram em tempos recentes e remotos graves crises monetárias e até hiperinflações. E nem precisamos ir tão longe. Aqui mesmo na América Latina, as taxas de juro vêm sendo sempre, ou quase sempre, bem menores do que as brasileiras, mesmo em países com experiência de inflação alta e hiperinflação. Até a Argentina, cujo histórico monetário talvez seja o pior do mundo, pratica há vários anos juros muito inferiores aos nossos.

Outra corrente de opinião atribui a responsabilidade ao elevado nível do déficit e da dívida pública no Brasil. Também não convence. O que é, sim, nítida e insofismável é a relação de causalidade inversa, isto é, a que vai da taxa de juro para o nível do déficit e da dívida. Em outras palavras, óbvia e até quantificável é a influência da taxa básica de juro sobre o tamanho do déficit do setor público e o crescimento da sua dívida.

Convém notar que, apesar dos juros exorbitantes do BC, o déficit fiscal brasileiro é inferior ao de vários países desenvolvidos importantes (Japão e EUA, por exemplo). Em 2004, o déficit do setor público consolidado no Brasil foi menor do que o déficit médio observado nos países desenvolvidos. E o déficit do governo central brasileiro foi ligeiramente inferior ao déficit médio dos países em desenvolvimento.

Será que o problema estaria então na famosa vulnerabilidade externa da economia brasileira, agravada pelo Plano Real? Eu mesmo recorri a essa explicação, que nunca foi das mais populares nos círculos financeiros, em diversas ocasiões. Ela deve ter tido sua validade em época anterior, até 2002/2003. Mas não justifica o nível dos juros básicos no período mais recente. Afinal, o Brasil vem registrando enormes superávits comerciais e até superávits significativos no balanço de pagamentos em conta corrente. As condições financeiras externas continuam favoráveis. As reservas internacionais do país ainda são insuficientes, mas se recuperaram de modo significativo.

A liberdade de entrada e saída de capitais é excessiva no Brasil? Sim, mas vários países em desenvolvimento têm regimes liberais nessa área, alguns até mais liberais do que o brasileiro, e nenhum deles adota taxas de juro semelhantes às nossas.

O que explica, então, a medonha taxa de juro brasileira?

Correndo o risco de deixar o leitor frustrado e até revoltado, sou obrigado a dizer: o meu espaço acabou!

Se não acontecer nada de extraordinário, volto ao assunto na quinta-feira que vem.

Paulo Nogueira Batista Jr., 50, economista e professor da FGV-EAESP, escreve às quintas-feiras nesta coluna. É autor do livro "O Brasil e a Economia Internacional: Recuperação e Defesa da Autonomia Nacional" (Campus/Elsevier, 2005). E-mail - [pnbjr@attglobal.net](mailto:pnbjr@attglobal.net) (Folha de S.Paulo, 06.10.2005)

## Indústria nos EUA emprega menos de 10%

Pela primeira vez desde a Revolução Industrial, menos de 10% dos trabalhadores americanos estão hoje empregados em fábricas. E como possivelmente metade dos trabalhadores de uma indústria típica estão em cargos típicos do setor de serviços, como projeto, distribuição e planejamento financeiro, a real parcela de operários ocupados em produzir coisas que podem se quebrar se caem no chão pode ser de apenas 5%. Será isso motivo de preocupação?

Nossa estimativa de 10% vem da divisão do número de empregos na indústria (pouco mais de 14 milhões, segundo as estatísticas mais recentes) por uma estimativa do total da força de trabalho (inclusive os trabalhadores autônomos, os que trabalham em meio-período e nas Forças Armadas) de 147 milhões. Em 1970, cerca de 25% dos trabalhadores americanos estavam no setor de manufatura.

A participação da indústria também vem caindo em todas as outras economias desenvolvidas desde 1970. O número real caiu em média pela metade. O maior declínio ocorreu no Reino Unido, onde esse tipo de emprego caiu de 35% para 14% do contingente de mão-de-obra (veja gráfico). A menor queda foi na Itália, onde o setor industrial ainda responde por 22% do emprego. A Alemanha é a única outra grande economia onde mais de 20% dos trabalhadores ainda produzem coisas. No Japão, a participação caiu para 18%.

A maioria das pessoas hoje trabalha no setor de serviços: nos EUA, esse número chega a 80%. Mas essa tendência nada tem de novo. Já em 1900, tanto EUA como Reino Unido tinham mais empregos no setor de serviços que na indústria. Mesmo no seu pico, no início do Século XX, o emprego na indústria nunca passou de um terço da força de trabalho nos EUA.

O que há de novo é a recente queda no número absoluto do emprego em fábricas. Embora proporcionalmente o setor industrial venha há muito tempo caindo em relação ao crescente contingente de trabalhadores nos EUA, o número de empregos na indústria permaneceu mais ou menos o mesmo entre 1970 e o fim da década de 90. A partir de então, porém, o emprego industrial caiu a cada ano. Desde 1996, o número de empregos industriais reduziu-se em quase 20% nos EUA, Reino Unido e Japão (veja gráfico). Na zona do euro, a queda média foi de só 5%.

Em tendência similar, a produção industrial caiu, como proporção do Produto Interno Bruto (PIB) medida em preços correntes, embora na maioria dos países a participação industrial no PIB seja ligeiramente mais alta do que sua participação no número total de empregos. Nos EUA, por exemplo, o setor industrial produz atualmente 13% do PIB, portanto uma queda em relação a 26% em 1970. Entretanto, um exame mais detido dos números revela que a queda na participação da indústria no PIB reflete, em larga medida, uma queda nos preços de bens em relação aos de serviços. Medida em preços constantes, a participação da indústria no PIB tem se mantido, de modo geral, inalterada, tanto nos EUA como em outros países desenvolvidos, desde 1980.

A despeito das queixas sobre o "declínio do setor industrial americano" e da migração em massa de produção para a China, a produção real vem subindo à taxa anual de quase 4% desde 1991, portanto mais do que o crescimento geral do PIB. E apesar de a China ser amplamente aclamada como a nova "fábrica mundial", os EUA continuam sendo o maior fabricante do mundo. O Japão vem em segundo lugar, e a China numa distante terceira colocação, produzindo o equivalente a US\$ 700 bilhões de bens industrializados, ou seja, meros 50% do total americano.

A China tem em torno de seis vezes mais trabalhadores na indústria que os EUA, mas eles são muito menos produtivos. E mesmo a China não escapou ao declínio mundial no emprego industrial. Entre 1995 e 2002 (anos para os quais há estimativas mais recentes) o número desses empregos caiu 15 milhões in China, principalmente devido à reestruturação de empresas estatais ineficientes. A participação do emprego na indústria também vem caindo em Cingapura, Coréia do Sul e Taiwan desde 1990.

Uma vez que, ao contrário da percepção generalizada, a produção industrial vem crescendo vigorosamente, e não caindo, a queda no emprego nos EUA e em outros países deveria ser vista como algo bom. Isso não constitui transferência em massa de produção das economias desenvolvidas para a China. Na realidade, o movimento reflete em larga medida o rápido crescimento da produtividade. E como as taxas de desemprego na maioria dos países

desenvolvidos não cresceram na década passada, apesar da perda de empregos na indústria, isso sugere que a maioria dos operários demitidos encontrou novos empregos.

O fenômeno da desindustrialização, a queda do número de empregos na indústria, é popularmente percebido como sintoma de declínio econômico. Ao contrário, trata-se de um estágio natural do desenvolvimento econômico.

À medida que um país vai enriquecendo, é inevitável que uma menor proporção de trabalhadores seja necessária na indústria. A primeira razão é que as famílias precisam de um número limitado de carros, geladeiras ou fornos microondas, de modo que ao enriquecer elas tendem a gastar uma parte maior de sua renda em serviços, como férias, saúde e educação, em vez de adquirir mais bens.

Em segundo lugar, é muito mais fácil automatizar funções na indústria que em serviços, substituindo homens por máquinas. O crescimento mais rápido da produtividade implica que o setor industrial precisa de menos trabalhadores. Em contrapartida, isso amplia substancialmente a produtividade geral e, portanto, melhora os padrões de vida.

Assim, o fato de a indústria continuar respondendo por uma proporção tão elevada de empregos e de produção na Alemanha e na Itália pode ser um sintoma de fraqueza econômica. Não só ambos os países fizeram leis para tentar proteger empregos industriais, como um emaranhado burocrático também desestimula a criação de novas vagas em serviços. Eles, portanto, sofrerão mais as conseqüências de crescente concorrência de países emergentes em anos futuros.

Qualquer análise de tendências sobre o mercado de trabalho atola num instante num lamaçal estatístico. Por exemplo, uma pequena parte da queda do emprego industrial é uma ilusão estatística resultante da terceirização de serviços por indústrias. Se um fabricante automobilístico deixa de empregar seus próprios funcionários de limpeza de escritórios e, em vez disso, adquire serviços de limpeza de uma empresa especializada, então a produção e o nível de emprego no setor de serviços parece crescer da noite para o dia, e os empregos na indústria parecem diminuir, apesar de nada ter mudado.

De modo mais geral, a linha divisória entre indústria e serviços é nebulosa. O McDonald's é classificado como empresa de serviços, mas uma das suas lanchonetes lembra mais uma linha de montagem industrial despejando alimentos. Do mesmo modo, uma fatia crescente do valor agregado na indústria está em atividades de serviços, como projeto, finanças, marketing, e suporte pós-vendas.

A divisão entre indústria e serviços tornou-se redundante. Uma desagregação sensata, hoje, é entre empregos que exigem mão-de-obra com baixa e com alta qualificação. Entre indústria e serviços, nenhuma é intrinsecamente melhor que a outra; elas são interdependentes. Computadores são inúteis sem desenvolvedores de software; um televisor não tem valor se não houver uma programação. A questão não é se as pessoas trabalham em fábricas ou não, mas se elas estão criando riqueza.

No passado, a indústria criava mais valor agregado; setores de alta tecnologia, como as indústrias farmacêutica e aeroespacial, continuam fazendo isso. Hoje, porém, em economias desenvolvidas, os setores bancário, de telecomunicações, de software, por exemplo, podem criar mais riqueza que a fabricação de jeans. Escrever um programa de computador cria mais valor do que produzir um disco rígido para um computador.

Em breve ninguém mais se importará se uma empresa é classificada como de indústria ou de serviços. No futuro, a prosperidade dependerá não de como são rotuladas as atividades econômicas, mas da capacidade das economias de inovar e de se adaptar. (Tradução de Sergio Blum) (*Valor*, 03.10.2005)

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada  
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes  
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)  
[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org) <http://www.cnmcut.org.br>